

Estudos
Literários

BRANCA

Maria Madalena, entre a história e a ficção

Sílvio Holanda*

Resumo: O artigo estuda o romance *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, escrito pelo romancista português José Saramago. Essa obra propõe a releitura de uma tradição literária que remonta à Bíblia, à teologia, à história e à literatura. Com base nessas ligações intertextuais, o artigo tematiza o papel desempenhado por Maria Madalena na obra em questão. Tal personagem recebe, na narrativa de Saramago, um tratamento literário singular, embora sem abandonar a tradição bíblico-literária em cujo horizonte ela adquire relevância estética.

Palavras-chave: José Saramago, Bíblia, Recepção Literária

Abstract: This article focus on the novel *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, written by the Portuguese novelist José Saramago. That work proposes the rereading of a literary

tradition which goes back to the Bible, theology, history and literature. Based on those intertextual relations, the article deals with the role performed by Maria Madalena in that novel. Such character receives, in Saramago's narrative, a singular literary treatment, even though without abandoning the biblical-literary tradition in whose horizon it acquires esthetic relevance.

Key-words: José Saramago, Bible, Literary Reception

... on lui rend un culte plus vrai en montrant que l'histoire entière est incompréhensible sans lui

RENAN¹

¹ RENAN, Ernest. La vie de Jésus. In: _____. **Oeuvres Complètes**. Paris: Calmann-Lévy, 1949. v. 4, p. 83.

* Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo. Prof. Adjunto de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Pará (UFPA).

Por ventura não importava que o Cristo sofresse estas coisas, e que assim entrasse na sua glória ?

SÃO LUCAS²

O Evangelho segundo Jesus Cristo, publicado em 1991 pela editora Caminho, pode ser dividido, de acordo com a própria organização do livro, em 25 seqüências, sendo que a primeira e última partes correspondem, ambas, em movimento circular, à Crucificação. Saramago, agora laureado com o Nobel, teve diante de si um grande desafio estético: escrever, por assim dizer, depois de São Marcos, São Mateus e São João, um quinto evangelho, a que falta, em contraste com os evangelistas canônicos, o momento máximo do Cristianismo, a Ressurreição. A narrativa, assim delimitada, conta uma vida de Jesus, assinalada pela dor, pela solidão e pelo amor, com a consciência do teor ficcional do relato, uma vez que o grito lançado do Gólgota para o Pai não será ouvido por nós, “pois nenhuma destas coisas é real, o que temos diante de nós é papel e tinta, mais nada”³. O texto de Saramago propõe-nos o desafio de reler toda uma tradição, que remonta à *Bíblia*, aos exegetas, aos teólogos, à história e à literatura. De acordo com São Mateus, são momentos relevantes para a vida de Cristo: a infância, a missão, o Sermão

da Montanha, a passagem pela Galiléia e pela Judéia, a Paixão e a Ressurreição. Interpretadas de modo muito particular, essas passagens fixadas pelo cânone bíblico espraiam-se pelo romance. A interpretação ficcional, assim, traz à baila a discussão sobre o valor estético da Bíblia. Hans Robert Jauss, o grande pensador de Konstanz, ao discutir as bases de uma hermenêutica literária, problematiza a recepção do mito bíblico (Adão, Jó, etc.), à luz da hermenêutica da pergunta e da resposta:

L’herméneutique littéraire peut éclaircir [...] le travail sur le mythe que réalisent les actes transformateurs de sa narration, comme un processus de réception au cours duquel des réponses autoritaires sont comprises, grâce à de nouvelles questions dont la formulation est différente, d’une façon toujours nouvelle et différente qui va même jusqu’à contredire leur signification primitive [...].⁵

Com base na tradição mencionada, proponho como tema da minha conferência a discussão do papel de Maria Madalena. Comentemos, antes disso, porém, a releitura de elementos tomados à tradição bíblica, interpretados, no romance, sob a perspectiva de Jesus enganado, que começou a morrer, desde que nasceu, e que recusa a glória anunciada pelos profetas de Israel. A perseguição de Herodes às crianças, narrada à página 115 e seguintes do romance, baseia-se nos relatos dos evangelistas,

² Lucas, XXIV, 26.

³ SARAMAGO, José. **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 13. Todas as citações desta obra serão feitas por esta edição, no correr do texto, com a simples indicação das iniciais *EJC* e o número da página.

⁵ JAUSS, Hans Robert. **Pour une herméneutique littéraire**. Paris: Seuil, 1988, p. 40.

para abrir uma discussão sobre o porquê de José não ter avisado os outros pais sobre a cruel perseguição movida por Herodes⁶. A ressurreição de Lázaro, narrada em *João*, XI, 17-44, relida em *EJC*, 413, lança a discussão sobre o seu significado simbólico: proclamação da predestinação para glória pelo poder de operar milagres ou alívio às dores humanas *hic et hunc*, na imanência do mundo? Os exemplos poderiam ser multiplicados, contudo, qualquer que seja o episódio - a expulsão dos vendilhões do templo⁷, a maldição da figueira⁸, a unção de Betânia⁹, a Crucificação¹⁰, o debate no Templo, a tempestade acalmada¹¹, o perdão da adúltera¹², o *EJC* propõe uma leitura que nos dá os mesmos episódios esvaziados de transcendência (relembremos que aqui, como em Renan, não há ressurreição), momentos de Jesus que se proclama, contra a escolha divina¹³, homem: “Sou homem, vivo, como, durmo, amo como um homem, portanto sou um homem e como homem morrerei...” (*EJC*, 365). Para concluir esse ponto, vejamos dois exemplos em que a linguagem bíblica é retomada e alterada para dar conta de uma nova pergunta diante do texto canônico:

⁶ “Deus não perdoa os pecados que manda cometer” (*EJC*, 161).

⁷ João, II, 12-22; Mateus, XXI, 12-17.

⁸ Marcos, XI, 12-14.

⁹ Marcos, XIV, 3-9.

¹⁰ Lucas, XXIII, 33-34.

¹¹ Mateus, VIII, 24-27.

¹² *EJC*, 351-352.

¹³ “[Deus] Foste escolhido, não podes escolher, Rompo [Jesus] o contrato, desligo-me de ti, quero viver como um homem qualquer.” (*EJC*, 371)

Pai, afasta de mim, este cálice, Que tu o bebas é a condição de meu poder e da tua glória, Mas eu quero esse poder. (*EJC*, 391)

Quem são minha mãe e meus irmãos, pergunta, não é que ele não o saiba, a questão é se sabem eles quem ele é, aquele que perguntou no Templo, aquele que contempla os horizontes, aquele que encontrou Deus, aquele que conheceu o amor da carne e nele se reconheceu homem. (*EJC*, 291-292)

Consorte de Jesus no afã de ser apenas homem, de recusar a glória, Maria Madalena receberá, em *EJC*, um tratamento literário singular, embora sem abandonar de todo a tradição bíblico-literária em cujo horizonte ela adquire sua relevância estética. Começamos o nosso breve percurso por essa tradição por Lucas:

E aconteceu depois, que Jesus caminhava por cidades e aldeias pregando, e anunciando o reino de Deus e os doze com ele. E também algumas mulheres, que ele tinha livrado de espíritos malignos e de enfermidades. Maria, que se chama Madalena, da qual Jesus havia expelido sete demônios, e Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, e Susana, e outras muitas, que lhes assistiam de suas posses¹⁴.

Assim descrita, a mulher de Magdala, nos evangelhos canônicos, em seguida, mergulha na sombra, para ressurgir, em importância, na

¹⁴ Lucas, VIII, 1-3.

aparência de Jesus, descrita por São João: “Veio Madalena dar aos discípulos a nova de que ela tinha visto o Senhor...”¹⁵.

Ernest Renan, negando ao milagre *status* de realidade e preferindo provar a persuadir, em *La vie de Jésus*, propõe-se a narrar a vida do Nazareno, à luz da história e da crítica. Desconsiderando-se, portanto, a Ressurreição — fruto do amor e da imaginação de Maria Madalena¹⁶ — a vida de Jesus acaba com seu último suspiro, mas a história não pode ser entendida sem considerá-lo:

Jésus est la plus haute de ces colonnes qui montrent à l'homme d'où il vient et où doit tendre. En lui s'est condensé tout ce qu'il ya de bon et d'élevé dans notre nature. Il n'a pas été impeccable ; il a vaincu les mêmes passions que nous combattons ; aucun ange de Dieu ne l'a conforté, si ce n'est pas sa bonne conscience.¹⁷

¹⁵ São João, XX, 11-18. Cf. Marcos, XVI, 9: “E Jesus tendo ressurgido de manhã no primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual ele tinha expulsado sete demônios.”

¹⁶ RENAN, Ernest. *La vie de Jésus*. In: __. **Oeuvres Complètes**. Paris: Calmann-Lévy, 1949. v.4, p. 356. “[...] la forte imagination de Marie de Magdala joua dans cette circonstance un rôle capital. Pouvoir divin de l'amour!” moments sacrés où la passion d'une hallucinée donne au monde un Dieu ressuscite.” Cf. no mesmo volume o texto *Les Apôtres*, p. 497: “Ce qui ressuscite Jésus, c'est l'amour.”

¹⁷ RENAN, Ernest. *La vie de Jésus*. In: __. **Oeuvres Complètes**. Paris: Calmann-Lévy, 1949. v. 4, p. 370.

Em *Vie de Jésus*, capítulo sobre os discípulos, Ernest Renan salienta o papel de Maria Madalena como uma das fundadoras do Cristianismo:

Les femmes, en effet, accueillèrent Jésus avec empressement. Il avait avec elles ces manières réservées qui rendent possible une fort douce union d'idées entre les deux sexes. [...] Trois ou quatre Galiléennes dévouées accompagnaient toujours le jeune maître et se disputaient le plaisir de l'écouter et de le soigner tour à tour. Elles apportaient dans la secte nouvelle un élément d'enthousiasme et de merveilleux, dont on saisit déjà l'importance. L'une d'elles, Marie de Magdala, qui a rendu si célèbre dans le monde le nom de sa pauvre bourgade, paraît avoir été une personne fort exaltée. Selon le langage du temps, elle avait été possédée de sept démons, c'est-à-dire qu'elle avait été affectée de maladies nerveuses en apparence inexplicables. Jésus, par sa beauté pure et douce, calma cette organisation troublée. La Magdaléenne lui fut fidèle jusqu'au Golgotha et joua le surlendemain de sa mort un rôle de premier ordre; car elle fut l'organe principal par lequel s'établit la foi à la résurrection.¹⁸

Maria Madalena é, assim, sob o olhar do historiador, amante alucinada pelo amor e pela fé, a proclamar pelos caminhos de Jerusalém a crença na Ressurreição e a fundação do Cristianismo.

¹⁸ RENAN, Ernest. *La vie de Jésus*. In: __. **Oeuvres Complètes**. Paris: Calmann-Lévy, 1949. v. 4, p. 180.

Com relação à Literatura Portuguesa, limito-me a mostrar que já em Eça de Queiroz (*A Relíquia*) encontramos uma discussão sobre o papel de Cristo, que será acusado por alguns judeus de devasso, violador da lei, mau cidadão e mau judeu. Em debate com Gamaliel, presenciada por Teodorico Raposo, Osânias acusa:

O velho riu, pesadamente. Casto, o Rabi! E então essa galiléia de Magdala, que vivera no bairro de Bezeta, e nas festas do Prurim se misturava com as prostitutas gregas às portas do teatro de Herodes?... E Joana, mulher de Khosna, um dos cozinheiros de Antipas? E outra de Efraim, Susana, que uma noite, a um aceno do Rabi, a um aceno do seu desejo, deixara o tear, deixara os filhos, e com o pecúlio doméstico, escondido na ponta do manto, o seguira até Cesaréia?...¹⁹

Em *A Relíquia*, como em *La vie de Jésus*, ambas apartados da idéia de milagre, Maria Madalena terá um papel fundamental na história do Cristianismo:

— Depois de amanhã, quando acabar o Sabbath, as mulheres de Galiléia voltarão ao túmulo de José de Ramata onde deixaram Jesus sepultado... E encontraram-no aberto, encontraram-no vazio!... “Desapareceu, não está aqui!...” Então, Maria de Magdala, crente e apaixonada, irá gritar por Jerusalém —

“ressuscitou, ressuscitou!” E assim o amor dum mulher muda a face do mundo, e dá uma religião mais à humanidade.²⁰

Embora haja essa acusação contra Cristo por parte de uma personagem, o tema da relação entre ele e Maria Madalena não recebe um tratamento mais demorado, contudo o texto faz referências à mulher de Magdala que não estão abrigadas sob as páginas canônicas. Desconsiderando um estudo da recepção da história de Maria Madalena na Literatura Portuguesa (um Torga, por exemplo), saltemos para 1991.

No romance de Saramago, Maria de Magdala terá seu destino enlaçado ao de Jesus Cristo, representando a contemplação do amor no remanso do corpo, em meio aos desígnios impostos por Deus, em meio à dor e à solidão. Pregando às proximidades do lago Tiberíades, Jesus avista a cidade de Magdala:

Quis, porém, o destino que, passando ele pela cidade de Magdala, se lhe rebentasse, ali do pé, uma ferida que andava renitente em sarar, em tal jeito que parecia o sangue não querer estancar-se. [...] (EJC, 270)

Após esse encontro, Maria Madalena acompanhará Jesus Cristo em suas pregações pela Judéia e pela Galiléia, até à tortura final no Gólgota. Mesmo diante da morte, da ausência definitiva, o olhar dela será de amor:

¹⁹ QUEIROZ, Eça de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. v. 1, p. 941.

²⁰ Idem, *ibidem*, p. 989.

[...] este olhar, que é de autêntico e arrebatado amor, ascende com tal força que parece levar consigo o corpo todo, todo o seu ser carnal, como uma irradiante auréola capaz de fazer empalidecer o halo que já lhe está rodeando a cabeça e reduzindo pensamentos e emoções. Apenas uma mulher que tivesse amado tanto quanto imaginamos que Maria Madalena amou poderia olhar desta maneira [...] (EJC, 16)

Tal amor, que entontece e faz esquecer as dores físicas, tem, porém, que contrapor-se à lei judaica quanto à condenação da prostituição:

[...] esta mulher é uma prostituta e o respeito que deve à profissão manda-lhe que feche a porta de casa quando recebe um cliente. Jesus, que estava sentado no chão, comprimindo a desatada ferida, olhou de relance a mulher que se lhe acercava, Ajuda-me, disse, tendo segurado a mão que ela lhe estendia, conseguiu pôr-se de pé e dar uns passos, coxeando. Não estás em estado de andar, disse ela, entra, que eu trato-te dessa ferida. Jesus não disse nem sim nem não, o odor da mulher entontecia-o, a ponto de ter-lhe desaparecido, de um momento para o outro, a dor que lhe dera ao abrir-se a chaga [...] (EJC, 277-278)

Com Maria Madalena, o corpo tomado pelo tumulto, Jesus Cristo, inexperiente, acede à dimensão humana do amor e do desejo. A imagética, fundada no padrão fixado no *Cântico dos Cânticos*, reafirma poeticamente essa dimensão:

Hesitando, Jesus abriu-os [olhos], imediatamente os fechou deslumbrado, tornou a abri-los e nesse instante soube o que em verdade queriam dizer aquelas palavras do rei Salomão, As curvas dos teus quadris são como jóias, o teu umbigo é uma taça perfumada, cheia de vinho perfumado, o teu ventre é um monte de trigo cercado de lírios, os teus dois seios são como filhinhos [Cântico dos Cânticos, IV, 5] gémeos de uma gazela, mas soube-o ainda melhor, e, definitivamente, quando Maria se deitou ao lado dele... (EJC, 282).

Maria Madalena, prostituta, conhece assim, ao lado de Jesus Cristo, o amor e não apenas o espasmo da carne. É justamente nesse amor da carne que ele se reconheceu homem (EJC, 292), que, negando a glória, quer Madalena como esposa, quer trabalhar em Magdala:

... a Jesus lhe entraram renovadas forças com a lembrança dessa mulher que o curou de uma dolorosa chaga, pondo no seu lugar a insofrida ferida do desejo, e a pergunta é esta, como vai ele enfrentar-se com a porta fechada e assinalada, sem a certeza certa de por trás dela só encontrará o que imagina ter deixado, alguém que alimenta uma exclusiva espera, a do seu corpo e da sua alma, que Maria de Magdala não aceita uma coisa sem outra. (EJC, 305).

O corpo da amada é o espaço contraposto ao da angústia de quem se sabe fadado para a morte:

... dias houve, destes, em que readormecia assim, outros em que esquecia a pergunta e a ansiedade e se refugiava no corpo de Maria de Magdala como se entrasse num casulo donde só poderia renascer transformado. (EJC, 350)

Contudo, o amor que os une é vivido entre a volúpia fugaz e a consciência do destino que cabe a Jesus Cristo:

Amavam-se e diziam palavras como estas, não apenas por serem belas ou verdadeiras, se é possível ser-se o mesmo ao mesmo tempo, mas porque pressentiam que o tempo das sombras estava chegando na sua hora, e era preciso que começassem a acostumar-se, ainda juntos, à escuridão da ausência definitiva. (EJC, 431)

O tempo das sombras, interrupção do laço feito de volúpia e alumbramento, de alma e carne, que une Jesus à Madalena, chega e segue o percurso assinalado por Marcos, João, Lucas e Mateus: a prisão, o julgamento perante Pilatos, a crucificação. Jesus Cristo, diante de uma lacerada Madalena, “sentiu a dor como seu pai a sentiu [...] agora não há mais nada a fazer, é só esperar a morte” (EJC, 444).

Na paixão sem ressurreição vivida por Jesus Cristo, este morre com a consciência dolorosa de que sua morte trará um “rio de sangue e de sofrimento que do seu lado irá nascer e alagar toda a terra” (EJC, 444) e tem ainda tempo de reescrever o texto dos evangelistas: “Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que

fez.” (EJC, 444). Silêncio absoluto no Gólgota, Jesus é morto.

Referências bibliográficas:

BECKER, Paulo Ricardo. A narrativa pós-moderna de José Saramago. In: Encontro De Professores Universitários De Literatura Portuguesa, 14, 1992. Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre: Edipucrs, 1994, p. 504-509.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução por Antônio Pereira de Figueiredo. Erexim: Edelbra, 1979. 1102p.

RENAN, Ernest. La vie de Jésus. In: **Œuvres Complètes**. Paris: Calmann-Lévy, 1949. v. 4, p. 9-427. 1606p.

SANTOS, Pedro Brum. A dialética do tempo em José Saramago. In: Encontro De Professores Universitários De Literatura Portuguesa, 14, 1992. Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Edipucrs, 1994. p. 510-514.

SARAMAGO, José. **O Evangelho segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 445p.

SEIXO, Maria Alzira. **O essencial sobre José Saramago**. Lisboa: IN-CM, 1987. 116p.

BRANCA